

Introdução

O interesse pelo estudo da ficção científica como gênero literário vem crescendo nos meios acadêmicos, revelando o seu valor pela forma significativa de expor e analisar questionamentos atuais e configurar analogias com projetos teóricos e epistemológicos que oferecem olhares novos sobre processos de construção do próprio conhecimento e, igualmente, ferramentas de investigá-los. Neste âmbito ela passou a ocupar uma posição privilegiada na abordagem de questões e tópicos temáticos importantes que necessitam de revisão em função de condições alteradas nas sociedades contemporâneas. A riqueza do repertório temático e de sua representação narrativa por este gênero literário foi acentuada por teóricos e críticos como Fredric Jameson, Linda Hutcheon, Brian McHale e Hayden White, entre outros, na tentativa de oferecer contribuições originais para os debates atuais acerca da produção cultural contemporânea. Ao mesmo tempo, a ficção científica explora diferentes abordagens no que se refere ao questionamento do ponto de vista e da subjetividade presentes na escrita historiográfica. Dessa forma, uma abordagem construtivista de múltiplas formas de se ler a realidade – como assinaladas por teóricos como Peter L. Berger, Thomas Luckmann, Siegfried J. Schmidt, entre outros – se constitui como fator enriquecedor para a análise de textos de ficção científica.

Diante da diversidade e multiplicidade de questões temáticas e formais discutidas pela ficção científica que refletem experiências atuais tais como perda de identidade, fragmentação de discursos e a emergência de uma nova forma de capitalismo, chama especial atenção a percepção que historiadores e escritores têm do discurso historiográfico enquanto processo construtivo de um conhecimento específico cuja produção é condicionada também por determinadas formas de escrita.

Nesse sentido, modos de representação adotados pela história como esfera disciplinar de elaboração de um saber passaram a ser de interesse particular tanto para escritores quanto teóricos e historiadores da literatura a partir do questionamento de seus princípios de construção e sua transformação escrita

baseada em determinados modelos narrativos, tornando visível o descompasso em relação aos fundamentos científicos priorizados pela história do século XIX.

No horizonte dessas questões será investigada a produção de ficção científica do autor norte-americano Philip K. Dick, um dos grandes nomes do gênero que tem seu ápice criativo nas décadas de 1960 e 1970, período denominado como a “nova onda” da ficção científica. Seus romances, contos e ensaios servem como base para uma discussão sobre a construção do discurso histórico e as estratégias propostas pela formas narrativas da literatura.

A leitura específica de romances do autor permite dar destaque a questões epistemológicas subjacentes ao universo temático de sua ficção científica. Um dos objetivos deste trabalho é investigar a relação existente entre a historiografia e aspectos da narrativa contemporânea, usando especificamente três romances de Philip K. Dick (*The Man in the High Castle*, *Time Out of Joint* e *Do Androids Dream of Electric Sheep?*) para ilustrar como esses dois universos se aproximam na literatura de ficção científica. Dessa maneira, será dada ênfase na forma em que técnicas narrativas específicas presentes na literatura atual também são articuladas no discurso historiográfico.

O primeiro capítulo desta tese permite primeiramente uma visão crítica das mais importantes mudanças ocorridas na produção de ficção científica durante o século XX. Desde o período das publicações ‘pulp’ nos Estados Unidos em 1930 até a consolidação do gênero como reflexo e crítica das grandes revoluções culturais e sociais da década de 1960, serão analisadas as variações temáticas e estruturais do gênero como uma nova forma de narrar e projetar maneiras de se perceber a realidade.

Em seguida, no mesmo capítulo, é traçado um panorama de significativas teorias contemporâneas da narrativa, mostrando como os nexos no desenvolvimento do discurso historiográfico e das técnicas narrativas constituem formas de elaboração para compreender discursos construtores de eventos passados. Serão analisadas algumas das maneiras atuais de se narrar o passado, como, por exemplo, a influência de artefatos narrativos na (re)escritura de eventos já ocorridos (como descrita por Paul Veyne). Também será enfatizada a natureza construtivista de operações cognitivas que constantemente organizam e

reorganizam o conhecimento em relação ao tempo passado, usando como base teóricos alemães como Siegfried Schmidt e Gebhard Rusch.

Finalmente, o primeiro capítulo se conclui com a análise da importância da discussão da construção do discurso histórico na obra de Philip K. Dick. A partir de considerações do teórico Fredric Jameson e do próprio Dick, mostrarei como a percepção da realidade (passada) e as diferentes formas de apreendê-la se encontram no cerne de alguns romances do autor.

O segundo capítulo, intitulado “Insira a Moeda na Porta” (uma frase emblemática do romance *Ubik* de Philip K. Dick), analisa o efeito das condições econômicas capitalistas na própria elaboração do passado na ficção científica do autor, dando ênfase a aspectos específicos do capitalismo tardio. No sub-capítulo 2.1., considero as conseqüências de uma nova perspectiva capitalista na construção do conhecimento – especialmente em relação ao passado – usando preceitos de críticos como David Harvey e Fredric Jameson. Além disso, mostro como as características da “Sociedade do Espetáculo” como assinaladas por Guy Debord se fazem presentes nos romances de Dick discutidos nesta tese.

Já no sub-capítulo 2.2., discuto como Dick elabora em suas obras considerações sobre a crescente presença de uma atmosfera reificada que se configura nas relações humanas e na relação entre o homem e a realidade em que se encontra. Através da reificação, da personificação e do fetichismo da mercadoria (que na literatura de Dick tem importância especial pela presença do andróide), o autor deixa marcada sua preocupação com os perigos da crescente mecanização do homem e humanização da máquina.

O terceiro capítulo, intitulado “Essa Maldita Historicidade não tem Sentido” (frase dita por um dos personagens de *The Man in the High Castle*) aprofunda a articulação, ensaiada por Dick em suas obras, da questão do conhecimento histórico com maneiras plurais de se narrar o passado. No sub-capítulo 3.1., discutirei como estruturas literárias contemporâneas de se construir formas de conhecimento do passado – como a metaficção historiográfica, definida por Linda Hutcheon – podem servir para os historiadores da atualidade reverem seus conceitos na articulação de sua produção. Dessa forma, mostrarei como os romances de Dick abordados nessa tese servem de exemplo para uma nova

percepção na construção do conhecimento histórico, a partir de prerrogativas teóricas estabelecidas por críticos como Michel de Certeau e Pierre Nora.

O sub-capítulo 3.2. concentra-se no papel crucial que a memória e suas formas de preservação têm na configuração de uma nova perspectiva historiográfica. Com o auxílio de teorias desenvolvidas pelo crítico Andreas Huyssen, discutirei como os romances de Philip K. Dick constroem em suas narrativas um presente ‘musealizado’, onde os acontecimentos são parte de uma grande estrutura memorialística que reporta a um tempo já ocorrido.

O capítulo 4 situa projetos de Philip K. Dick em uma perspectiva contemporânea pela ênfase de teorias construtivistas na percepção do passado como modos particulares de evidenciar experiências de múltiplas realidades. Em vários de seus ensaios, Dick deixava clara sua crença na idéia de que existem diferentes formas de se apreender (e até mesmo criar) a realidade. Esse capítulo aborda como essa atitude heterogênea em relação ao real – que é partilhada com críticos como Umberto Eco e Brian McHale – posiciona Dick como um dos grandes autores a discutir a presença de artefatos narrativos na criação de percepções múltiplas da realidade.